



UNIVERSIDADE
FEDERAL
DE PERNAMBUCO

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO – UFPE
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS – CFCH
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO – TCC

“Vivências no Poetry Slam de Recife”: Reflexões e suas possibilidades didáticas

INGRID FERREIRA DOS SANTOS

RECIFE
2022

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

Ingrid Ferreira dos Santos

“Vivências no Poetry Slam
de Recife” - Reflexões e
suas possibilidades
didáticas

Trabalho apresentado ao
Programa de Graduação
em História da Universidade
Federal de Pernambuco
como requisito parcial para
obtenção do título de
Licenciada em História.

Orientação: Profa. Dra. Luiza Reis.

Recife, 2022

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do programa de geração automática do SIB/UFPE

Santos, Ingrid Ferreira dos .

Vivências no Poetry SLam de Recife: Reflexões e suas possibilidades didáticas / Ingrid Ferreira dos Santos. - Recife, 2022. 44

Orientador(a): Luiza Nascimento Reis

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal de Pernambuco, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, História - Licenciatura, 2022.

1. História cultural. 2. Literatura. 3. Poetry slam em Recife. 4. Poetry Slam e educação. 5. Educação étnico racial. I. Reis, Luiza Nascimento. (Orientação). II. Título. 900 CDD (22.ed.)

Ingrid Ferreira dos Santos

Vivências no Poetry Slam de Recife: reflexões e suas possibilidades didáticas

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de história licenciatura da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial para obtenção do título de historiadora licenciada.

Aprovado em: 22/12/2022

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Luiza Nascimento Reis (Orientadora) Universidade Federal de Pernambuco

Prof. Dr. Auxiliadora Maria Martins da Silva (Examinador Interno) Universidade Federal de Pernambuco

Prof. Graziella Fernanda Santos Queiroz (Examinador interno) Universidade Federal de Pernambuco

Resumo:

O Poetry Slam é uma ramificação do Hip-hop, que é um movimento já conhecido em todo o mundo que revoluciona a arte e a luta política do povo negro a bastante tempo. Poetry Slam é uma performance artística que opera no intervalo entre os suportes oral, escrito e visual, ocupando esse lugar, tensiona ainda mais os limites entre literatura e música, poesia e vida, arte e ativismo – limites já complicados por outras manifestações da cultura hip-hop. FREITAS (2018) Diante dos esforços de intelectuais feministas negras de validar a intelectualidade e contribuições diversas de grupos subalternizados a partir da perspectiva e narrativa de mulheres negras, me somo ao trabalho de produzir e dar visibilidade a alternativas epistemológicas que possibilitem entender, interpretar e pesquisar a história desses grupos a partir do movimento nos territórios. O presente documento se propõe a mergulhar nessa produção artística, negra e periférica de Recife a fim de trazer à tona uma cena cultural pouco documentada, são narrativas que trazem vivências, reivindicações e denúncias de grupos marginalizados em forma de enfrentamento. Mostra também o lugar de onde essas pessoas produzem arte e as dificuldades que esbarram e trazem impedimentos para sua produção e divulgação. A observação dessa produção pode ser utilizada para um mapeamento e desenho da cena artística periférica de Recife, assim como a utilização dessa produção com objetivos educativos e referenciais para criação de material pedagógico colaborando com a aplicabilidade da lei nº10.639/03.

Palavras-chave: História cultural, Arte urbana, Recife, Poetry Slam, Educação.

Abstract

Poetry Slam is an offshoot of Hip-hop, which is a movement already known around the world that has revolutionized the art and political struggle of black people for a long time. Poetry Slam is an artistic performance that operates in the gap between oral, written and visual supports, occupying this place, it further tightens the boundaries between literature and music, poetry and life, art and activism – boundaries already complicated by other manifestations of hip culture. -hop. FREITAS (2018) Faced with the efforts of black feminist intellectuals to validate the intellectuality and diverse contributions of subordinated groups from the perspective and narrative of black women, I join the work of producing and giving visibility to epistemological alternatives that make it possible to understand, interpret and research the history of these groups from the movement in the territories. The present document proposes to delve into this artistic, black and peripheral production of Recife in order to bring to light a little documented cultural scene, they are narratives that bring experiences, claims and denunciations of marginalized groups in the form of confrontation. It also shows the place from where these people produce art and the difficulties that come up against and bring impediments to its production and dissemination. The observation of this production can be used for a mapping and design of the peripheral artistic scene of Recife, as well as the use of this production with educational objectives and references for the creation of pedagogical material collaborating with the applicability of law nº10.639/03.

Keywords: Cultural history, Urban art, Recife, Poetry Slam, Education.

Sumário

Introdução	7
Marco teórico	9
O Poetry Slam no mundo	9
Vivências no Poetry Slam de Recife.....	12
Possibilidade pedagógica	16
Metodologia	20
O poetry slam como ponto de partida.....	22
Reflexões e possibilidades	32
Considerações	40
Referências:	42

Introdução

O presente trabalho propõe a imersão no movimento poetry slam em Recife-Pe a partir da produção, trajetória e referenciais de artistas participantes e traz a reflexão de como essa produção pode ser usada como material pedagógico para o ensino de história colaborando com o cumprimento das leis 10.639 (2003) e 11. 645 (2008). Objetiva descrever quando o poetry slam surge em Recife-Pernambuco, seus objetivos e características, assim como refletir sobre o espaço que artistas negras e periféricas encontram para colaborar com a cena cultural da cidade e quais espaços são tomados de assalto para desenvolvimento de emancipação cultural e liberdade artística.

O Poetry Slam é uma ramificação do hip-hop e possui a mesma essência transgressora, soa como um grito de rebeldia. 'É uma performance artística que opera no intervalo entre os suportes oral, escrito e visual, ocupando esse lugar, tensiona ainda mais os limites entre literatura e música, poesia e vida, arte e ativismo.' FREITAS (2018) Nasce nos EUA como uma forma de reivindicar um espaço na literatura que não fosse da academia, e se espalha pelo mundo com esse mesmo teor democrático.

A ascensão do movimento no Brasil acontece a partir de 2017, um ano depois de uma forte expressão jovem de resistência política no país com as ocupações das escolas e universidade contra a PEC do teto de gastos, as reformas educacionais e escola sem partido, nesse mesmo ano em Recife-Pe nasce também o Slam das Minas, articuladas com o Poetry Slam nacional, muitas das participantes vindas da Universidade também participam das ocupações, o primeiro Slam de Recife acontece na Universidade Federal de Pernambuco, temos alguns registros.

É um esforço que feministas negras têm feito durante anos, validar as narrativas e escrituras¹ de nossa gente e a intelectualidade de pessoas

¹ Conceito cunhado por Conceição Evaristo que diz respeito a escrita próxima da vivência privada ou coletiva, diz-se da produção principalmente de mulheres negras.

negras. O movimento da Poetry Slam se soma a outras iniciativas artivistas² de disputa de espaço público em Recife, e reúne principalmente mulheres negras, jovens e periféricas. Mas não só, se soma a esses espaços uma gama de corpos dissidentes que acham acolhimento e escuta a suas vozes.

Validar essas narrativas e valorizar a intelectualidade nelas é também ampliar seu alcance. O principal sentimento ao participar como plateia dos encontros, é a identificação com o que se é dito, não só por semelhanças físicas, mas também pelas vivências próximas. A maioria desses textos trazem um teor crítico agudo e se manifesta em denúncia, cumprindo também um papel educativo ou que podem ser usados para esse fim, o objetivo é refletirmos um pouco a respeito.

² Artivismo: arte política, politizada, sociopolítica, de confronto, subversiva ou radical (VIEIRA, 2011)

Marco teórico

O Poetry Slam no mundo

Poetry Slam é frequentemente traduzido como poesia falada, mas seria uma tradução mais fiel “batida de poesia”, segundo D’ALVA poderíamos definir o slam de diversas formas, um espaço para livre expressão poética, uma ágora onde as questões da atualidade são debatidas ou como entretenimento, mas “em seus 25 anos de existência o poetry slam se tornou, além de um acontecimento poético, um movimento social, cultural, artístico que se expande progressivamente e é celebrado em comunidades em todo o mundo.” (D’ALVA, 2011, pág. 120)

A palavra slam é uma onomatopeia da língua inglesa utilizada para indicar o som de uma "batida" algo parecido com o nosso ‘Pá’ na língua portuguesa, o termo foi dado por Mark Kelly Smith um operário da construção civil e poeta, que em conjunto com o grupo Chicago Poetry Ensemble criou um “show-cabaré-poético-vaudevilliano” (Smith, Kraynak, 2009: 10 apud D’ALVA, 2011) chamado Uptown Poetry Slam, considerado o primeiro Poetry Slam do mundo. Esse movimento começa com a organização de noites de performances poéticas com a intenção de popularizar a poesia falada criando um contraponto aos fechados círculos acadêmicos. “O termo Slam é um empréstimo dos torneios de beisebol e bridge, usado primeiramente para denominar as performances poéticas, e mais tarde as competições de poesia.” (D’ALVA, 2011, pág. 120)

Uma outra pesquisadora que ensaia sobre o hip-hop e o movimento da Poetry Slam descreve as regras e traz apontamentos sobre suas implicações políticas que se constituem em contraste com o modelo de poesia tradicional.

O poetry slam é uma batalha de poesia falada, cujas cinco regras principais, apesar de variarem de lugar para lugar, tendem a permanecer relativamente as mesmas: os competidores têm três minutos para apresentar sua poesia autoral e inédita naquele slam, sem o auxílio de adereços de cena ou acompanhamento musical. As poesias são julgadas pelo público e pelos jurados imediatamente após sua leitura/recitação/acontecimento, em uma escala de zero a dez. O júri é constituído por pessoas escolhidas aleatoriamente na plateia. Das notas dos cinco jurados, a maior e a menor são descartadas, compondo uma

nota final que varia entre zero e trinta pontos. O poeta geralmente passa por três rodadas, tendo que apresentar três poesias vencedoras antes de se tornar o campeão da noite. (FREITAS, 2018, pág. 94)

E:

Na slam poetry, a poesia deixa o ambiente acadêmico, abandona os circuitos tradicionais de curadoria e produção de sentido, flerta com a canção popular e torna-se uma prática coletiva e, como tal, se estabelece no limite entre o oral, o escrito e o visual, fazendo da performance um elemento central. (FREITAS, 2018, pág. 95)

Smith fez uma sessão experimental de performances poéticas julgadas pela plateia e essa inclusão da plateia pegou, e reverberou. Aos poucos essa modalidade se expande, quase 10 anos depois é que ocorre a primeira competição nacional nos EUA dessa categoria, e só a partir dos anos 2000 outros países tão diferentes entre si aderem a partir de uma juventude urbana e diversa a essa modalidade de competição cultural ou literária. A pesquisadora Miriane Peregrino relaciona essa expansão da Poetry Slam em todo o mundo com quatro aspectos fundamentais:

1) sua associação à cultura hip hop; 2) o processo de globalização e homogeneização cultural a partir dos Estados Unidos; 3) as condições econômicas da comunidade que se une em torno do slam e 4) a oralidade que aproxima todas as culturas, uma vez que é uma marca que atravessa a ancestralidade de todos os povos. (PEREGRINO, 2019 pag. 31)

A autora faz um apanhado de como o Poetry Slam conquista Angola, Moçambique e Brasil e busca identificar os aspectos gerais e específicos do movimento nos territórios, traçando um paralelo com a tradição oral. Muitas pesquisas enveredam na condição performática do estilo literário, ensaiam sobre a construção dessas performances a partir das regras que contam com o entusiasmo da plateia e mede a capacidade de entreter ou tocar a plateia durante os três minutos de apresentação que devem ser utilizados sem subterfúgios: é o artista, o palco, o microfone, uma poesia autoral e a plateia. No Brasil esses encontros costumam ocorrer nas ruas, em espaços públicos, a céu aberto, em rodas. Nesse caso o artista usa somente voz e corpo, os jurados são da própria plateia e a comoção ao final da performance dita seu sucesso. A condição e o espaço das competições interferem diretamente nas performances. PEREGRINO (2019)

A artista e pesquisadora Estrela D'Alva dirigiu em parceria com Tatiana Lohmann, o documentário Slam: Voz de levante (2017) que percorre as cidades de Rio de Janeiro, Paris, Nova Iorque, Chicago e São Paulo, apresentando a história e o contexto internacional da Poetry Slam. Podemos acompanhar do nascimento do movimento em Chicago até o maior reduto do Slam na França, onde acontece a copa do mundo de Poetry Slam. Nele também acompanhamos a trajetória de Estrela D'Alva, que é a primeira artista brasileira a participar de uma competição de Slam internacional, abrindo caminho e idealizando a primeira competição no Brasil através do ZAP- Zona Autônoma da Palavra em 2008. Alguns anos depois ela estaria com a segunda brasileira a participar da competição mundial, e traz essa experiência no documentário. Sobre a aceitação do movimento no país ela fala:

“É fácil entender sua rápida aceitação e o crescimento dessa modalidade cultural e esportiva, considerando o lugar que a tradição oral tem no país, particularmente aquela dos jogos orais competitivos, como os desafios, as peijas e o repente nordestino, para citar apenas alguns exemplos. [...] Em um momento em que as forças conservadoras se levantam e tentam agarrar-se aos velhos dogmas e posturas, buscando desesperadamente manter o estado de opressão estabelecido, há, em curso, também um levante de manifestações da poesia popular urbana, principalmente a falada e performática. Os slams de poesia vêm se proliferando em grande progressão, organizando vozes que emanam do povo em ágoras democráticas e autogeridas.” (D'ALVA, 2019, pag. 271)

Em 2014 a FLIP -Festa Literária das Periferias criou a primeira competição internacional de Slam da América Latina, competição que ainda acontece anualmente, após adotarem o slam como maior atração de sua programação. Também temos um campeonato nacional, o Slam-BR que acontece anualmente desde 2014 em São Paulo. Slam Br é também uma organização que em 2018 mapeou mais de 150 comunidades de Slam em 21 estados brasileiros. Uma variedade de modalidades se criam, o Slam do Corpo, primeiro slam entre surdos e ouvintes da América Latina; O menor slam do mundo, com poemas de até 10 segundos; slam interescolar, que acontece entre escolas do ensino médio em São Paulo, entre outros como o Slam das Minas que surge em Brasília, com um público feminino e trans, que também se organiza nacionalmente. Um aspecto

fundamental da Poetry Slam no Brasil é que ao contrário das batalhas de MC's, marcados pela presença masculina, o protagonismo do movimento é das mulheres. (D'ALVA, 2019)

Os textos são geralmente próximos da realidade privada e coletiva do indivíduo, e essa narrativa que também é escrita, performada, pode ser compreendida através do conceito de 'escrevivência' de Conceição Evaristo que em entrevista para o canal 'Leituras brasileiras' no youtube, falando sobre seu processo criativo e algumas de suas obras e cenas escritas, diz sobre uma experiência histórica que pessoas negras possuem em sua descendência, cita como exemplo a criação de uma cena de uma empregada doméstica, a autoria que vem de uma descendência que já experimentou essas posições de subalternidade, escreve de dentro e esse gesto de criação parte de uma experiência que se não é particular, é histórica.

Escrevivência, em sua concepção inicial, se realiza como um ato de escrita das mulheres negras, como uma ação que pretende borrar, desfazer uma imagem do passado, em que o corpo-voz de mulheres negras escravizadas tinha sua potência de emissão também sob o controle dos escravocratas, homens, mulheres e até crianças. E se ontem nem a voz pertencia às mulheres escravizadas, hoje a letra, a escrita, nos pertencem também. Pertencem, pois nos apropriamos desses signos gráficos, do valor da escrita, sem esquecer a pujança da oralidade de nossas e de nossos ancestrais. Potência de voz, de criação, de engenhosidade[...] (EVARISTO, 2020, pág. 30)

Vivências no Poetry Slam de Recife

Vivências no Poetry Slam de Recife foi um projeto realizado pela discente no período entre outubro e março de 2021/2022, pela Proexc/UFPE, através da Bolsa de iniciação a Criação Cultural – BICC. O projeto teve como objetivo principal a imersão no movimento a partir da produção, trajetória e referenciais de artistas participantes com o objetivo de contar uma história cultural e artística da cidade a partir dessa produção e das referências, pautas e reivindicações que trazem.

Especificamente o projeto visava facilitar vivências que aproximasse o público do movimento Poetry Slam de Recife, através da imersão na produção de artistas participantes, e vivenciar através do diálogo com as mesmas um pouco de suas referências e processo artístico. Um outro ponto importante foi localizar a poetry slam como parte da produção artística cultural negra contemporânea de Recife.

A ação final do projeto, resultou em quatro oficinas culturais sobre o Poetry Slam, livre para todos os públicos: 1- “O poetry Slam no mundo” que fez uma introdução do movimento desde de sua origem até a chegada ao Brasil, foram abordados os grandes eventos de Poetry Slam e reproduzidos alguns registros de competições internacionais e nacionais; 2- “Slam das minas – BR” que abordou principalmente os tipos de slam’s no Brasil e se aprofundou na produção das Minas, nos vários estados desde Brasília até Pernambuco; 3- “O poetry slam em Recife” com participação de Olga Pinheiro, slammer participante, foca no movimento na cidade e nas impressões e relato da experiência da artista convidada enquanto participante ativa desde os primeiros encontros; 4- “Slam como ponto de partida” com participação de Punny, que também participou das primeiras edições do movimento em Recife, abordamos principalmente o papel que o slam tem dentro da vivência da artista enquanto elemento precursor de uma vida artística que não necessariamente fica na poesia mas se expande para outras linguagens.

O desenvolvimento do projeto contou com etapas de pesquisa e curadoria dos materiais disponíveis na internet, principalmente no Facebook e youtube, plataformas mais utilizadas durante o recorte escolhido que foi os primeiros anos do movimento em Recife, anos 2017 e 2018. A pesquisa abrange as formas de publicação que as poetisas utilizam e os mecanismos de resistência para suas produções artísticas. Assim como o desenvolvimento de uma pesquisa sobre a literatura acadêmica a respeito da Poetry Slam.

O movimento é relativamente recente, e se tem alguma literatura a respeito, mas centralizados muito no eixo RJ-SP, cada território possui características singulares e a partir da produção de participantes e de suas referências o trabalho se propõe a observar essa cena artística em Recife. Como dito, os

textos são geralmente próximos da realidade privada e coletiva do indivíduo, assim essa produção tem potencial historiográfico.

A imersão na produção dos artistas participantes, em suas trajetórias e referências, nas pautas, reivindicações e vivências que trazem, conta uma história cultural e artística da cidade. A partir das performances e observação dessas artistas para além do que escreviam, também como escreviam, em como colocavam no mundo suas obras e quais condições como raça e gênero influenciavam seus processos, já que o teor das poesias são de denuncia e desabafo sobre suas realidades.

Através de conversas com as artistas participantes do projeto pude acessar um lugar muito sensível de descoberta que o slam possui na experiência delas, descoberta enquanto artista e aceitação de si mesma. Outro elemento essencial no processo foi buscar compreender as formas de publicação que essas poetisas encontram. Através de zines, redes sociais, ocupações públicas buscam burlar a falta de acesso e legitimação que grandes editoras não cedem e que editais burocratizam. A arte periférica já ocupa as ruas, os coletivos, um salve especial para os poetas e poetisas que recitam nos ônibus da cidade. A característica política de insurgência de movimentos que derivam ou se associam ao hip-hop como o slam, o grafite, as rodas de batalhas e saraus vem muitas vezes de um ativismo político e são essencialmente políticos. O poetry slam em Recife, possui esse caráter, inicia em parceria com outros coletivos de saraus de poesia para ocupar o espaço público, as ruas do centro urbano, reivindicando o direito a cidade, essa característica se intensifica com as denúncias e questionamentos a cerca da condição racial e de gênero, não que em algum momento as pautas estivessem desconectadas, mas na produção do slam encontramos muito esses temas.

Freitas faz em sua pesquisa uma observação a pauta do direito a cidade, no contexto de São Paulo, e traz dois pontos: 'a logica da cidade neoliberal que sufoca a urbanidade, divide e regulamenta o uso dos espaços transformando valor de uso em valor de troca e a violência praticada pelo estado contra uma categoria especifica de cidadãos.'(FREITAS, 2018)

A emergência de cidadãos dessa categoria ao lugar de novos atores culturais na cidade é uma das novidades mais significativas na história recente de São Paulo, aponta Raquel Rolnik. A “ampliação das possibilidades de circulação e presença, especialmente dos jovens moradores das periferias mais distantes” e “a ruptura com a hegemonia do automóvel sobre todas as formas de circulação [...] em conjunto, vinha mudando a cara da capital paulista” (Rolnik, 2018, p.190). Os grafites nos muros e as praças ocupadas com poesia são como inscrições destes atores na superfície da cidade, que revelam o quanto ela também pertence a eles. (FREITAS, 2018, pág. 114)

Em Recife a luta pelo direito à cidade é ancestral e diária, somos a terra do Mangue beat³, do Ocupe Estelita⁴, isso pra citar alguns exemplos que são infundidos desde o centro as periferias. A cidade também é influenciada através do slam, e as redes sociais tem importante participação nesse processo. Algumas comunidades de Slam em capitais maiores como São Paulo, Rio de Janeiro, tiveram grande projeção com a gravação e divulgação das batalhas e performances individuais dos slammers, o Slam da Resistência é um bom exemplo disso. Para o Poetry Slam no Brasil, o Facebook, rede mais utilizada entre os anos de expansão do movimento (2015, 2016, 2017...) era o principal espaço de compartilhamento tanto dos eventos e encontros, como do material gravado dos encontros. Esse processo auxilia na divulgação e no conhecimento sobre as batalhas, que passam a se popularizar. No Recife, o Facebook era bastante usado para divulgação dos eventos.

É importante relacionar o movimento Poetry Slam no Recife com o ativismo urbano. Patrícia Naia, Slammaster, produtora do Slam das Minas em Recife, fala sobre a intenção de criar um espaço seguro para mulheres se expressarem poeticamente, na contramão das batalhas de rap que eram ocupadas principalmente por homens e onde o machismo era muito presente, para além da própria reivindicação dos espaços públicos. A internet serve nesse momento como espaço de denuncia e expansão dessas vozes, a partir do canal ‘Salve Todas’ no youtube podemos acessar vídeos dos primeiros slams e

³ Movimento de contracultura da década de 90 em Recife que tinha como principal característica a mistura de ritmos e a denúncia social. O movimento uniu o ritmo dos tradicionais maracatus e frevos com funk, rock, e músicas eletrônicas. Seus maiores representantes foram Chico Science e a banda Nação Zumbi.

⁴ Movimento social e cultural que lutou contra a demolição do Cais José Estelita, um dos poucos espaços públicos da cidade que ainda não tinha sido demolido por consorcio de grandes construtoras para construção de edifícios comerciais e residenciais.

entrevistas com mulheres da cena hip-hop. Como já foi citado, a internet tem grande importância para o movimento no país inteiro. Falando sobre ativismo, o pesquisador Miguel Chaia aponta dois momentos para a origem do mesmo, 'o primeiro nos movimentos sociais que ocorreram a partir do final da década de 60, como a luta pelos direitos civis, as manifestações contra a Guerra do Vietnã, as mobilizações estudantis e a contracultura'. O segundo deles se refere as produções de novas tecnologias que se intensificam a partir dos anos 90:

Assim, os meios de comunicação de massa, a Internet e as conquistas tecnológicas adjacentes constituem suportes para ampliar o potencial de artistas políticos e alastrar o campo de ação do ativismo. O espaço e o tempo se reduzem significativamente, propiciando as mais diferentes e inusitadas práticas. Neste sentido, ocorrem condições singulares para a emergência das novas revoluções de linguagem, captadas e utilizadas por um indivíduo ou um coletivo na prática político-estética. (CHAIA, 2017, pág. 9)

Teresa Vieira ao caracterizar o artista artista utiliza uma cartografia de 4 níveis que vão do privado ao público: artista como experimentador, artista como repórter, artista como analista e artista como ativista.

Os níveis são permeáveis de acordo com as intenções do artista e o significado do seu trabalho para uma determinada audiência, segundo uma lógica de abordagem antropológica. No nível privado o artista focaliza uma reflexão a partir das metodologias intrínsecas à prática e pensamento artísticos. No nível público o artista afasta-se do seu âmbito assumindo preocupações que lhe são exteriores. (LACY, 1995 Apud. VIEIRA, 2011, pág. 22)

Caracterizando o artista como ativista diz:

- O artista como ativista: tentando ser catalizador para a mudança o artista posiciona-se como cidadão ativista, o seu trabalho é diametralmente oposto à prática estética isolada. Tem de aprender novas estratégias: como colaborar e desenvolver audiências específicas, como tornar o trabalho multidisciplinar ou como clarificar processos artísticos para audiências não educadas em arte. (LACY, 1995 Apud. VIEIRA, 2011, pág. 22)

Possibilidade pedagógica

O poetry slam é associado a educação em diversos momentos, mundialmente. Existem concursos escolares nos Estados Unidos e França, onde acontece a copa mundial de poetry slam. Ambos os países referências no

movimento, o primeiro sendo o berço e o segundo sendo hoje o maior reduto de comunidades slams, inserem o poetry slam em suas escolas e fazem competições entre os seus estudantes. Em Maputo, Miriane Peregrino⁵ entrevista slammers que dizem ter iniciado o contato com a declamação na escola primária ou secundária, pois as práticas de apresentação de poesias são recorrentes em Moçambique. No Brasil, Emerson Alcade é o primeiro a pensar o slam nas escolas, um dos poetas fundadores do Slam da Guilhermina, em 2014 participa da copa mundial de slam e fica impressionado com a participação maciça das escolas francesas, quando volta ao Brasil, Emerson promove o 'slam interclasse' nas escolas paulistas. Ou seja, não é de hoje que educadores utilizam a arte e a literatura para facilitar o ensino, e a potencialidade educadora da Poetry Slam é percebida instantaneamente principalmente por seu poder de mover as pessoas e atrair grupos jovens para um fronte ativo de criação.

Em 2014, em Paris, Alcalde conheceu a professora do SESC Itaquera, Carolina Andrade, e com ela encabeçou outro projeto visando slam-educação. No Brasil, realizaram um Slam na BIBLIOSESC: um caminhão do SESC repleto de livros que circula pelos bairros periféricos de São Paulo oferecendo leitura a todos. O projeto contemplou cinco instituições da Zona Leste, portanto, foram cinco encontros com as turmas de alunos envolvidos. Alcalde ministrou oficinas de poesias escritas e faladas, ressaltando o aspecto performático como nuclear nos slams. Cada escola realizou a sua batalha poética e os vencedores se enfrentaram depois em uma final promovida no SESC Itaquera.(NEVES, 2017, pág.117)

Nessa experiência de ministrar oficinas de slam e provocar uma competição poética, Alcade descreve em especial, a atuação em duas escolas distintas em seu corpo discente, o Centro para Criança e Adolescente Santa Marcelina de Itaquera, instituição religiosa, que tinha salas de aula bem heterogêneas em idade e grau de instrução, todos protagonistas de vidas sofridas e que apresentavam dificuldade na escrita. A outra na Escola Municipal de Ensino Fundamental Fernando Azevedo, na Vila Curuçá, sendo essa ministradas a alunos já familiarizados com leitura e produção de texto, estando em um contexto mais homogêneo em idade e grau de instrução. Nos dois casos os resultados foram plausíveis, a participação do corpo discente e dos professores foi unanime e renderam bons textos, o ponto principal foi a

⁵ PEREGRINO, Miriane da Costa. **Luanda Slam: a literatura angolana fora da página**. 2019.

participação de um grupo em um nível menor de letramento e aproximação com a leitura e escrita ter um envolvimento similar ao outro grupo que tinha essa familiaridade. (ALCADE, 2016 Apud NEVES, 2017)

Pensar essa possibilidade me leva a entender esse trabalho também como uma provocação para o uso da produção dos slams em seus territórios serem usados como fontes históricas e como material didático a partir de uma curadoria do educador. As leis 10.639 (2003) e 11.645 (2008) tornam obrigatório o ensino de História da África e das culturas afro-brasileiras e indígenas nas escolas da educação básica. Para o cumprimento dessa lei existe a necessidade de uma mudança nas práticas pedagógicas e a descolonização dos currículos da educação básica e superior. Mudanças de representação e de prática e questionamento dos lugares de poder, relação entre direitos e privilégios arraigados em nossa cultura política e educacional, em nossas escolas e na própria universidade. (GOMES, 2012)

A introdução da poesia slam no ambiente escolar representa uma proposta de ressignificação desse espaço público a partir da realidade de cada indivíduo que ali ocupa seu lugar, além disso reforça a possibilidade de diálogo democrático. Se por vezes a escola silencia voz ainda que timidamente, há um processo em andamento por meio do qual se começa a dar ouvidos ao que a escola tem de mais importante: a voz do material ali presente. (NEVES 2017 Apud OLIVEIRA 2020)

Outro ponto fundamental é que o trabalho com o Slam torna real uma ideia de educação que não se restringe ao ambiente escolar. É preciso superar a concepção de uma escola articulada apenas com seu entorno e incluir a cidade toda no currículo “A rua é uma aula, uma lousa, um lugar onde se escreve. Não é apenas parte do caminho percorrido até o museu, o centro cultural ou a escola. A rua também ensina e temos que aprender a ler as mensagens que ela emite” (BONAFÈ 2014 Apud. Oliveira 2020) isso ampliaria possibilidades no processo de ensino e aprendizagem possibilitando uma educação mais integral.

São esses momentos complexos de hoje que provocam movimentos de teorização e reflexão, movimentos que não são lineares mas serpentinados, não ancorados na busca ou projeto de uma nova teoria crítica ou de mudança social, mas na construção de caminhos —de ser, estar, pensar, olhar, ouvir, sentir e viver com um sentido ou horizonte de(s)colonial. Refiro-me a caminhos que necessariamente evocam e trazem à mente longa duração, ao mesmo tempo em que sugerem, apontam e exigem práticas ação teórica e pedagógica, caminhos que em

seu percurso ligam o que pedagógico e o decolonial. (Walsh, 2017, pág 24,25)

O processo de descolonização dos currículos prevê uma mudança epistemológica e política no que se trata a relações étnico raciais na escola, que é proporcionada pela introdução obrigatória do ensino de história da África e cultura afro-brasileira. Mas apenas a obrigatoriedade não é suficiente, é necessária uma mudança no paradigma epistemológico nas escolas e também nas universidades, acompanhando desde a formação dos professores para que saibam lidar com um ensino pluriversal e múltiplo. (GOMES 2012) Essa mudança de paradigma impõe a necessidade da releitura dos papéis das atrizes e atores na produção de diversos saberes. Urge tomar as perspectivas africanas e diaspóricas como centro, 'cabe enegrecer o que se entende por povos africanos'. (NOGUEIRA 2010)

A utilização desse material nas salas de aula e o incentivo para a prática do slam nas escolas pode ter um resultado muito positivo que podemos prever observando algumas experiências. Estudiosos em áreas como a literatura vem estudando a poetry slam na construção da identidade social dos alunos⁶, e também para o ensino de história principalmente no que tange as questões étnico raciais. O slam representa uma forma de empoderamento do educando através da arte: ele se torna protagonista da sua própria trajetória através do ativismo poético e performático que une língua e corpo na construção de uma identidade pessoal ou coletiva. (OLIVEIRA 2020)

Em 'Uma experiência de oficina pedagógica de poesia slam em prol da educação étnico racial'⁷ a autora reflete sobre a desvalorização da história,

⁶ OLIVEIRA, Jaqueline Maria de. O slam como recurso educacional na construção da identidade de alunos do ensino fundamental II das escolas públicas municipais de Curitiba. 2020.

⁷ OUSA, M. Z. S. UMA EXPERIÊNCIA DE OFICINA PEDAGÓGICA DE POESIA SLAM EM PROL DA EDUCAÇÃO ÉTNICO-RACIAL. **JORNADA BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO E LINGUAGEM/ENCONTRO DO PROFEDUC E PROFLETRAS/JORNADA DE EDUCAÇÃO DE MATO GROSSO DO SUL**, [S. l.], v. 1, n. 1, 2018. Disponível em: <https://anaisonline.uems.br/index.php/jornadaeducacao/article/view/4985>. Acesso em: 11 nov. 2022.

fragmentação dos currículos e formação dos professores principalmente no que se refere a história negra e africana e as relações étnico raciais no Brasil. O processo desenvolvido na experiência relatada tem como destaque 'o caráter formativo da história na constituição da identidade, cidadania, do reconhecimento do outro, do respeito à pluralidade cultural e da defesa do fortalecimento da democracia' (FONSECA; SILVA, 2010 apud SOUZA 2018) e relata uma experiência muito bem-sucedida com alunos do ensino médio, que por sua vez não se resumia a utilização do slam mas se valia de uma prática pedagógica cotidiana:

Partimos de conceitos como Diáspora Negra pra trabalhar conteúdos da História do Brasil e do Continente Africano. Quanto aos conteúdos dos livros didáticos, esclarecemos que as leituras eventualmente feitas foram direcionadas no sentido de que os alunos reconhecessem os textos e imagens enquanto representações e, portanto, constatassem a forma como os povos negros são tratados. Já no que tange à formação profissional do professor, buscou-se preencher as lacunas ao trazer professores convidados que expusessem a partir de suas especialidades de pesquisa. As ações efetuadas durante as aulas fizeram parte de uma prática pedagógica cotidiana. Nesse sentido, apesar de escolhermos aqui descrever a construção das poesias pelos alunos, esta só foi possível graças à continuidade de um processo que se fundamentava nessa concepção de um caráter formativo da História. É por meio dessas poesias que a professora avaliou o que o autor anterior pontuou, principalmente o reconhecimento do outro e respeito à pluralidade cultural. (SOUZA 2018)

A partir desses referenciais o trabalho busca principalmente trazer a luz o que pessoas negras afro diaspóricas estão falando sobre si e sobre suas produções que são apagadas em favor de uma hegemonia branca e uma epistemologia que exclui todas as outras. Resgatar essas contribuições é essencial assim como a valorização desses sujeitos.

Metodologia

A presente pesquisa se enquadra na linha teórica cultural e se baseia no projeto cultural “Vivências no Poetry Slam de Recife” desenvolvido através da Bolsa de Iniciação Cultural – BICC, PROExC/UFPE, que fez uma imersão no movimento a partir da produção, trajetória e referências de artistas do movimento em Recife, contando assim com a colaboração de duas artistas participantes; a pesquisa também conta com o mapeamento nas redes Facebook, Youtube e Instagram dos registros em vídeo do Poetry Slam em Recife.

A partir desse mapeamento foram encontradas entrevistas de artistas participantes e idealizadoras do Slam na cidade que permitem achar o início do movimento e acompanhá-lo até hoje a partir dessas mesmas redes. A internet tem papel importante na história do movimento não só em Pernambuco como em todo o país e possibilita que muitas dessas artistas⁸, concretize seus trabalhos seja a partir da publicação nas redes ou divulgação de zines e publicações digitais. A internet é para essas artistas uma vitrine de seus trabalhos artísticos, já que não tão comumente elas encontrem plataformas formais de exposição.

O projeto cultural “Vivências no Poetry Slam de Recife” foi usado como ponto de partida para a realização do projeto “História Delas”⁹ que partindo do mesmo princípio busca uma compreensão mais abrangente da cena artística e cultural urbana da cidade de Recife e RMR também através da produção artística e narrativa dessas mulheres em áreas como artes visuais, produção cultural e literatura para além do movimento slam, a partir do relato de desenvolvimento dos projetos esse trabalho pretende contribuir para contar uma história artístico e cultural de Recife através da narrativa e escrivência de mulheres negras.

O assunto surge a partir da minha vivência na cena cultural de Recife e a participação do slam das minas como plateia, observo que desse movimento desabrocha diversas artistas que estão na cena hoje como cantoras, escritoras,

⁸ Esse trabalho se concentra na produção das mulheres pois o movimento slam em Recife se centra principalmente no Slam das Minas, categoria do slam onde as mulheres (cis ou trans e travestis) são as únicas protagonistas das batalhas.

⁹ Trabalho desenvolvido pela discente através da lei de incentivo a cultura Aldir Blanc (02/22)

produtoras e uma nova cara/cor passa a ser visto na paisagem cultural, no sentido de ocupação de espaços institucionais e museus, a criação de espaços para difundir cultura nas periferias, movimentos de ativismo cultural e produção artística e não posso deixar de relacionar esse processo com a inclusão de novas sujeitas em espaço de validação e conhecimento como as universidades e muito disso é possível a partir das ações afirmativas nas universidades públicas que, pelo menos em Pernambuco, na UFPE entrou em vigor a 10 anos, completados em maio desse ano¹⁰.

Universitárias negras que ao expressarem suas subjetividades políticas impactam a produção acadêmica, criando novas demandas de conhecimento acerca do direito ao estudo de autoras negras: “ter contato com novas formas de pensar”, “conhecer as ideias feministas negras”, “entender mais sobre a própria história”, “combater o silenciamento”, “ter o direito de escrever na primeira pessoa”, “ampliar a formação”, “preencher uma lacuna em minha formação”. São argumentos que se remetem às “experiências subjetivas autênticas” de mulheres negras (PARMAR, 2012, p. 50) e aos debates do ensino de história como um “lugar de fronteira” (PENNA; MONTEIRO, 2011), entre a história e a educação, o que, neste caso, em específico, faz com que método historiográfico e pedagógico estejam intersectados. (CONCEIÇÃO 2022, pág 350)

Não é a regra, quando observamos iniciativas culturais periféricas nem sempre encontramos maioria ou muitas pessoas que passam pelas instituições de ensino superior, mas no caso do slam das minas em Recife, e acredito que, em outras cidades também, os participantes e muito do público vem de um ambiente acadêmico. O primeiro slam de Recife acontece na UFPE-CAC, e as pessoas que participavam estavam ligadas aquilo, as outras edições nas ruas e praças do centro do Recife atraía uma população mais diversa, mas as slammers mais assíduas vinham ou das universidades e escolas ou construíam outros movimentos culturais em seus territórios e foram atraídas pela visibilidade e espaço que o movimento oferecia.

O poetry slam como ponto de partida

¹⁰ 2022. https://www.ufpe.br/agencia/noticias/-/asset_publisher/dlhi8nsrz4hK/content/parlamentares-defendem-continuidade-de-acoes-afirmativas-nas-universidades-publicas/40615

Recife é uma cidade conhecida pela cultura e arte pulsante, os muros cheios de arte, os ônibus, as praças, por todos os lados vemos resquício de um povo expressivo que encontra brechas, espaços em branco, lugares para serem vistos. O movimento hip-hop através do grafite, das batalhas de rima, é parte protagonista dessa luta por espaço e visibilidade, e talvez antes de tratar sobre a poetry slam, devêssemos falar dele que é de onde flui essa modalidade. Porém antes do hip-hop e antes da influencia internacional e da internet, já ocupávamos as ruas com caboclos, dança, poesia, repentistas, cantadores, e seguimos fazendo o mesmo em intensidades diferentes, de forma que essa introdução ao assunto alongaria muito a conversa. Falemos apenas pela voz de D'Alva 'a aceitação dessa modalidade cultural e esportiva é fácil de entender considerando o espaço que a tradição oral tem em nosso país os desafios, pelezas e o repente nordestino pra citar alguns exemplos' (2019).

O poetry Slam tem raízes na poesia marginalizada da metrópole, é uma modalidade essencialmente urbana, mas não encontra muitas barreiras por sua qualidade democrática. A qualidade flexível de uso do modelo da Poetry Slam cria uma diversidade de tipos de slam, como o Slam do Corpo, protagonizado por surdos, ouvintes e interpretes; Slam des Surdes, onde apenas pessoas surdas batalham, sem interpretes; Slam Marginália onde travestis, pessoas trans e gênero dissidentes podem batalhar; o menor slam do mundo, onde os poemas são de 10 segundos, 3 segundos e até de 1 segundo; Slam das Minas, onde apenas mulheres podem batalhar. Essa última modalidade é a predominante em Recife, foi uma modalidade idealizada por Tatiane Nascimento no Distrito Federal, que tem como principal objetivo criar um espaço seguro para mulheres e mulheres lésbicas se expressarem poeticamente.

Observar o poetry slam como ponto de partida para contar uma história artística da cidade através da narrativa de pessoas negras é selecionar um prisma que facilite compreender como se faz arte nesse território, quem faz e sob quais circunstâncias. O movimento aqui, também em outros estados, traz uma visibilidade nunca vista para a arte periférica. O Slam das minas em Recife tem uma produção que versa muito com a denuncia e relatos de violência dentro das vivências que as acometem, e tem em seu corpo pessoas negras dissidentes,

mulheres cis e trans, de diversas sexualidades. O foco são as tecnologias de enfrentamento utilizadas por essas pessoas para resistirem através de sua arte e quais mecanismos são utilizados para a circulação dessas produções. Já é sabido o atravessamento estrutural do racismo, na produção artística e cultural não difere, as dificuldades encontradas pelas artistas são antes de tudo falta de oportunidade e financiamento. A condição de 'artista independente' que não possui capital ou estrutura que beneficie a criação e precisa achar maneiras de ganhar a vida através da arte ou não.

Ao entrevistar as participantes no projeto Vivências no Poetry slam de Recife, quis entender principalmente qual lugar o slam ocupava em sua vida artística, pois tinha a ideia que o slam era como um primeiro palco, um vislumbre de reconhecimento enquanto pessoa que é artista. Foram entrevistadas duas participantes, que estavam desde a primeira edição do Slam das Minas e aparecem nos registros junto com as organizadoras Patricia Naia e Amanda Timóteo, que conta sobre o começo de tudo¹¹ e de como idealizam junto com outras companheiras o slam das minas – PE. Algumas pessoas envolvidas no processo construíam o Coletivo Controverso Urbano, que realizava saraus de poesia no centro da cidade.

É importante frisar que o slam das minas teve grande expressão na cena naqueles anos (2017, 2018) e ocupou muitos espaços institucionais como universidades, museus, além da rua. O palco foi tão grande que atraiu muitos da cena, os agitadores de cultura, as produtoras, escritoras, artistas de todas as áreas, se uniram se não como slammer, como plateia daquilo que era novidade e reunia um público diverso, jovem e inclusivo.

O movimento da Poetry Slam chega no Brasil em 2008, com o Zona Autônoma da Palavra, idealizado por Estrela D'Alva, que é uma das pioneiras do movimento no Brasil, só aproximadamente dez anos depois se dá sua popularidade, com a ascensão de artistas slammers brasileiros em competições internacionais e nacionais, a visibilidade do movimento cresceu. É em 2017, ano

¹¹ [Especial Salve Todas: Slam das Minas PE - YouTube](#)

posterior a um grande movimento jovem de resistência no país, que nasce o Slam das Minas em Recife – Pernambuco. Como citado, o primeiro Slam - Pe acontece no Centro de Artes da Universidade Federal, universidade que tinha sido desocupada pelos alunos alguns meses antes, após um grande levante jovem de resistência às reformas na educação e dos golpes políticos que o país sofria.

Em um momento em que as forças conservadoras se levantam e tentam agarrar-se aos velhos dogmas e posturas, buscando desesperadamente manter o estado de opressão estabelecido, há, em curso, também um levante de manifestações da poesia popular urbana, principalmente a falada e performática. Os slams de poesia vêm se proliferando em grande progressão, organizando vozes que emanam do povo em ágoras democráticas e auto-geridas.” (D’ALVA, 2019, pág 271)

Durante o projeto houve uma pesquisa nas plataformas youtube, instagram e facebook a procura de encontros gravados de Slam’s na cidade de Recife. Encontramos muitos trechos, principalmente do Slam das minas, e de outras batalhas de rima e hiphop, mas o registro completo dos encontros não, e a qualidade do vídeo nem sempre é boa o suficiente, mas é fácil encontrar fotos e alguns trechos. Performances individuais, vídeos de poetisas slammers recitando suas poesias fora da batalha, algumas revistas como a Continente fez especiais com as artistas e gravou essas performances, outros canais também, como dito antes o movimento teve grande visibilidade. Um grande aliado nessa pesquisa foi achar o canal Salve Todas no Youtube que traz a narrativa das mulheres da cena hip-hop de Pernambuco, e que declamam nos encontros poéticos da cidade, entre eles está Patricia Naia, uma das idealizadoras do Slam das minas em Recife, contando sobre o movimento e como ele nasce na cidade¹². Em 2017, ela organiza o primeiro, slam com o Coletivo Controverso Urbano, esse primeiro slam em Recife é misto, reúne homens e mulheres nos duelos. A partir daí os próximos encontros serão chamados Slam das Minas, com encontros mensais no centro da cidade, que vem da necessidade de ocupar o lugar público e criar um espaço seguro para mulheres poetisas batalharem e declamarem suas poesias.

¹² <https://www.youtube.com/watch?v=Q553QQEe0rk>

Ao analisar o material encontrado, nas entrevistas algumas falas são recorrentes quanto a denúncia do machismo na cena do hip-hop, muito comum também nas letras das poetisas. O feminismo, o direito a cidade, a liberdade são ideais do movimento que busca em seu cerne agrupar mulheres poetisas, incentivar o encontro com a poesia e incentivar a produção poética feminina na cidade. Algumas poetisas tem destaque, como Bell Puã, vencedora do Slam BR em 2017 o que a fez representar o Brasil no Gran PoetrySlam¹³, em Paris. Bell é historiadora e mestre em história pela UFPE e traz em suas letras muitas referências históricas tratando principalmente da xenofobia, do racismo e machismo, pautas do feminismo negro e amor. Em sua poesia para o especial da Revista Continente “Era uma vez um Brasil conservador” a poetisa aborda muitas dessas questões:

Era uma vez um Brasil conservador: Branco dono e preto propriedade

Africano era sem alma e o índio era selvagem, isso segundo europeu nosso grande apogeu de civilização

Colonizaram até nossa mente boy, pra tudo Europa virou padrão: beleza, ciência, progresso... E o Brasil a 500 anos sem sucesso Lembra das mina? Mulher vocês são lindas, mas era uma vez um Brasil conservador: aprende a sentar feito mocinha, ou prende o cabelo ou alisa de chapinha

Mesmo acompanhada de uma, duas, três, dez mulheres dirão que estais sozinha. Vê se não encurta a roupa, mulher trabalhadora é puta, mulher que questiona é louca, mulher inteligente é plágio... fala por cima da nossa voz porque homem é o sexo frágil!

Vadias, vagabundas, putas, bruxas, feiticeiras queimadas na fogueira da inquisição, assediadas por amigos, pelo patrão, por parentes, desconhecidos e até líder de religião.

Nosso corpo, a regra deles, violadas dentro de casa, na mais movimentada das avenidas, espaço público é espaço de guerra com macho que te seca, no ônibus abre as pernas se esfrega sem a nossa permissão e até ejacula sem receber punição.

¹³ Como uma copa do mundo de poetry slam, onde os vencedores de cada país competem pelo melhor lugar.

Não! Eu grito, denuncio homens abusivos, agressores.
 Desde mãe África ancestral e cheia de cores em senzalas
 estupradas por brancos senhores, índias aculturadas em nome
 de cristo, tantas irmãs perdidas pelo machismo mão direita do
 capitalismo fez da américa desgostosa.
 A beira do abismo eu sou isso: apenas uma moça latino
 americana, me agarro as lutas do passado pra ter força no
 presente. Não defendo vidraça de banco, defendo gente!
 Ao injusto, de-so-be-di-ente. Me inspiro em Dandara, Aqualtune,
 Zeferina, Carolina, mas principalmente nas guerreiras de
 atualmente... São as terceirizadas, trabalhadoras rurais,
 professoras, empregadas, é tempo de primavera, Conceição
 Evaristo, Vovó Vilma, vovó Vera, marias, gabrielas, amandas,
 rebecas, marianas, sheilas, eduardas, sabrinhas.
 Brasil de golpes, reformas trabalhistas, ditadores militares,
 bolsonaros, fascistas, apoiam massacres e chacinas, mulher
 encarcerada no lar, os pobres cheirando cola e os rico cocaína.
 Era uma vez um Brasil conservador, que revolucionou com o
 poder das mina! (Bell Puã, 2018)¹⁴

Outro assunto recorrente é o racismo, a vida privada e pública se mescla nas rimas, é um espaço para desabafar as violências sofridas, denunciar a realidade injusta e desigual que as acometem em comunidade. Um outro nome importante para esse momento da Poetry Slam em Recife é Adelaide, que também constrói na comunidade Vasco da Gama o coletivo Boca no Trombone, importante ponto de resistência cultural negra e periférica do grande Recife. Ainda no Especial da Revista Continente, Adelaide declama “O fardo de uma preta”:

Já parasse pra pensar, nego, no fardo de uma preta no Brasil?
 Você só viu em novela, mas a dor nunca sentiu. Cê assiste os
 caras silva e acha que já entendeu, cê não viveu metade do
 que a preta velha lá de casa já viveu.
 Cê não viveu a ditadura, cê não viveu a vida dura, cê nunca foi
 obrigado a transar com o branco lá da casa grande, seu filho
 assistindo a tudo com ódio gigante. Cê nunca teve que servir
 os que cuspiam na tua cara, limpando o chão desses cuzão e

¹⁴ https://www.youtube.com/watch?v=zu2lj_ypkQw

eles dando gargalhada, cê nunca foi motivo de piada, ser estuprada na porta de casa. Crescer com ódio no peito, e o governo nada!

Eles têm lábia demais com esses olhos verdes, chegam de carro, bolso gordo, encosta na parede.

Eles acham que porque é preta vai ser muito fácil abrir o bolso transar com ela num motel barato.

Você devia me respeitar, honrar minha moral, pois quando você quer deitar você chega na moral.

Cê beija os pés das branca, em mim você quer bater, cê diz que se eu te trocar tu cobra e eu vou morrer, você nunca vai crescer. Minha pele não foi feita pra satisfazer tua carne! Você nunca vai entender como essas chicotadas ardem!

Você só vai entender quando os pretos tiverem no topo, quando ser negra virar moda no sistema todo. Não queremos tolerância, queremos respeito e que toda mulher preta tenha seu direito.

Queremos andar nas ruas sem ser apontadas, queremos ser vistas, não estupradas. Querer ser reconhecida não é feminismo, mano eu não tenho culpa desse teu machismo. As pretas querem que vocês se curvem não nos curvem, quer que cês assumam não que cês aluguem.

Antes de vir julgar saibam da história, se você ta com a preta era pra dar glória!! Nós é da velha escola e a gente n quer treta. Você nunca vai entender o fardo de uma preta, porra!

(Adelaide Santos, 2018) ¹⁵

As artistas citadas também enveredam pela música, produção cultural e artística. E em uma das letras, Adelaide, enquanto participante do grupo Femigang, onde as integrantes são ligadas ao Boca no Trombone denuncia a atuação policial dentro de sua comunidade.

"Recife não precisa de BOPE

paz não é farda preta passeando de GLOCK

entra na minha favela com seu bafo de MORTE

se não é tua mãe que chora...TU TEM SORTE!"

¹⁵ https://www.youtube.com/watch?v=HFO1u_vQXhY

(Femigang, 2018)¹⁶

Ambas as artistas citadas são negras, embora frutos de realidades distintas, no vídeo Bell recita da rua da Aurora, onde aconteceu muitos encontros do slam das minas, e Adelaide do Vasco da Gama, periferia onde mora e constrói o coletivo de cultura Boca no Trombone. É interessante, porque antes do slam das minas ambas já participavam do enfrentamento em espaços diferentes, mas de forma parecida. Enquanto tínhamos no centro alguns saraus de poesia, o Controverso urbano é um belo exemplo, nas periferias a cultura se agita por meio de coletivos comprometidos com a luta antirracista e o direito a cultura, o Boca no Trombone e o Ibura Mais Cultura¹⁷, são mostras do que as pessoas estão desenvolvendo em seus territórios. Ao observar a composição desses grupos vemos jovens negros que dentro de seus territórios promovem cultura, educação e arte, como forma de ativismo social. As linhas dessas artistas falam muito sobre essa militância, e explicitam as razões pra a mesma. A autora Estrela D'alva ao falar sobre o Poetry Slam, fala sobre uma tendência a levantar temas polêmicos, e a se seguir uma 'formula' para garantir os pontos dos juízes, que acontece a níveis internacionais. Completa que como toda plataforma que ganha visibilidade, alguns participantes visam a carreira.

Há de se reconhecer que na busca por performances impactantes o discurso de muitos slammers se acirra racialmente, politicamente, levando temas polêmicos, expondo suas vidas privadas e o que acontece em muitos desses casos é que as temáticas ficam em destaque e, por vezes, até mesmo se sobrepõem aos poemas.(D'ALVA, 2011, pag. 124)

Embora essa reflexão seja importante, ao observar as competições mundiais percebo que os poemas mais ligados a denuncia são de pessoas racializadas, imigrantes, ou pessoas que sofram alguma vulnerabilidade social designadas pela sua condição humana. No brasil, vemos com certa frequência

¹⁶ <https://www.facebook.com/watch/?v=1585763614838035>

¹⁷ Coletivos de cultura nas periferias de Recife. Coletivo Boca no Trombone do Vasco da Gama, e o coletivo Ibura mais cultura no Ibura, ambas comunidades estigmatizadas pela violência e pobreza.

temas de denúncias ao racismo e as desigualdades, e sobre o feminismo, mas também temas como religiosidade e amor, segue exemplos:

Galho seco floresce

Passei pelo caminho de terra preta
E vi cada flor florescer
Hoje volto pelo mesmo caminho
Consigo contemplar seu jardim.
Eu semente
Vou
Florescer
Ser teu jardim
A ti pai entrego meus versos mais puro e sincero
(Joy Thamires, 'Pi po ca', 2021)

Atôtô

Ele me escolheu
Que sorte a minha!
Atôtô (Joy Thamires, 'Pi po ca', 2021)

Sobre amor:

Vênus me trouxe sereia
te canto no ouvido
uma canção e um gemido
até meu toque
incinerar tua pele
entorpecer todos
os teus sentidos
e afogar esse corpo
dentro desse coração do mar
tu mergulha em meus olhos
eu nado em teu pescoço
molhadinha com essa onda
que teu beijo dá (Bell Puã, 'é que dei o perdido na razão' 2018)

4. Duvido

Eu que não sou de duvidar
Duvido tu sustentar
Essa risada frouxa
Enquanto minha boca
Te arranca o ar.
(Priscila Ferraz, 'Saliva', 2019)

Mais recente, o zine 'Pi-po-ca' da poetisa Joy Thamires, feito de forma independente e com poesias que versam o espiritual e o sagrado para a artista que estava em processo de renascimento para seu Orixá, o zine vem como forma de captação de recurso para a cerimônia de iniciação na religião e foi

vendido em feiras e também pela internet. O Livro de Bell Puã é publicado pela editora de selo independente Castanha Mecânica, editora que fortalece essa cena literária na RMR e que disponibiliza o acervo de forma digital na internet. O zine Saliva (2019) de Priscila Ferraz, é um panfleto ilustrado por Caio Morais, publicado pela editora Gira editorial, de selo independente, periférico e pernambucano como diz em sua rede @giraeditorial. Outros assuntos e temas surgem nas obras das poetisas, mas com certeza existe uma diferença entre a poesia que é performada em batalhas e a poesia que é publicada nas redes, em zines e livros, de fato a performance ao vivo traz uma característica única a obra e suscita emoções que só são possíveis nesse momento presente. Essa é a magia da Poetry Slam, o corpo que participa da obra, a obra que faz parte do corpo. A entonação de quem recita pode trazer um sentido completamente diferente da palavra. Isso faz refletir sobre como essas pessoas fazem arte e como se coloca no mundo as criações.

Uma parte da pesquisa foi mapear as produções publicadas pelas slammers. A maior parte dessas publicações são feitas em formato de zine, com poucas tiragens, feitas de forma independente. Esses zines são vendidos nos encontros ou feiras que abrem espaço para essas poetisas se apresentarem e recitarem seus versos. Algumas artistas como Patricia Naia, Bell Puã, Odailta Alves, entre outras poetisas e escritoras de Recife e RMR foram publicadas pela editora Castanha Mecânica em livros físicos, outras como Olga Pinheiro foi publicada pela mesma editora mas no formato de e-book. A editora Castanha Mecânica, que tem um trabalho independente e disponibiliza seu acervo na internet, de forma que ajuda na divulgação desses trabalhos, é uma parceria muito presente nesse 'Boom' da Poetry Slam em Recife.

Em minha vivência na cidade e acompanhando esses eventos e lugares onde essas artistas recitam e vendem seus zines tive a oportunidade de comprar alguns. Tenho em mãos o zine Saliva (2019) de Priscila Ferraz; o zine 'Pi-po-ca' da poetisa Joy Thamires, feitos de forma independente, são ilustrados por outros artistas independentes e impressos por pequenas gráficas. O Livro 'O punho fechado no fio da navalha' (2017) de Patricia Naia, 'É que dei o perdido na razão' (2018) de Bell Puã e o livro 'Escrevivência' (2019) de Odailta Alves foram

publicados pela editora independente Castanha Mecânica, que faz um ótimo trabalho de edição e projetos gráficos que interferem como elementos narrativos da obra. Essas publicações em formatos de zines, vem muitas vezes como forma de captar recurso para a sobrevivência dessas artistas. Mais recentemente, com o aumento da relevância das redes sociais no cotidiano, redes como o Instagram têm sido usadas como forma de ‘publicar’ textos, poemas declamados em vídeos que as vezes aparecem junto a um apelo de contribuição para manutenção do trabalho dessas artistas. Vale citar artistas e poetas que declamam suas poesias nos ônibus da cidade, uma gama de artistas ocupa os coletivos, e a arte marginal se diz marginal talvez por isso, pois não se cala, encontra brechas, burla burocracias.

“Os editais de incentivo à cultura ainda são muito excludentes e os poetas acabam sem ter como escoar suas produções e captar recursos para se manter com arte. Os encontros e movimentações periféricas oferecem uma vitrine para nós” (FERREIRA, 2018, p.37). Russo vislumbra ainda as redes sociais como ferramenta de marketing, embora, como um seguidor do pensamento “marginal”, considere a confecção das obras para o comércio na rua como a forma mais eficaz de garantir subsistência aos poetas. “Essa é a nossa forma de quebrar a indústria. Viver da escrita é privilégio de poucos” (FERREIRA, 2018, p.37. Apud AMARAL, 2020, pág. 16)

Artistas como Priscila Ferraz, por exemplo, criam e editam livros digitais para venda online, que também são veiculadas pelas redes sociais e o acesso se dá por meio de uma contribuição simbólica para a manutenção desse trabalho. O que se percebe é a dificuldade de publicar formalmente um livro com ISBN, etc. A dificuldade é principalmente financeira, e isso impacta diretamente no reconhecimento que essas artistas recebem, pois embora estejam trabalhando e atuando em suas áreas, não publicar interfere na forma que as instituições e outros profissionais da área veem essas autoras, que falam sobre a dificuldade de serem reconhecidas como autoras, poetisas, artistas, coisa que intensifica com racismo e o preconceito com essa arte que é marginalizada.

Reflexões e possibilidades

O movimento poetry slam pode ser lido através da decolonialidade, que diz respeito a praticas sociais, epistêmicas e políticas que vão de encontro a

colonialidade. “O decolonial denota um caminho de luta contínuo no qual se pode identificar, visibilizar e encorajar ‘lugares’ de exterioridade e construções alternativas” (WALSH, 2017) Em um trecho do primeiro poema citado de Bell Puã “Era uma vez um Brasil conservador” ela fala “ [...] Africano era sem alma e o índio era selvagem/ isso segundo europeu nosso grande apogeu de civilização/ Colonizaram até nossa mente boy, pra tudo Europa virou padrão: beleza, ciência, progresso/ E o Brasil a 500 anos sem sucesso.[...]” o questionamento das estruturas sociais e status quo, a busca por emancipação cultural e artística são expressados muitas vezes nas linhas das slammers. O próprio movimento que tem origem nos EUA, tem o objetivo de descentralizar a poesia dos centros acadêmicos.

A partir dessa compreensão e trazendo a reflexão para o Brasil, onde a maioria das pessoas participantes dos slam’s são jovens negros e dissidentes, visibilizar essas narrativas, assim como criar espaços possíveis para serem ouvidas, é parte essencial na luta por emancipação e contra a colonialidade imposta. Pensar esse modelo artístico competitivo através do potencial histórico e pedagógico é encorajar e valorizar não só a arte e o conteúdo como os sujeitos políticos envolvidos. As ‘ágoras democráticas’ que se espalham pelo país são demonstrativas da potência transformadora e criadora da juventude negra e periférica do país.

O Brasil conta com um campeonato nacional, o Slam – Br que acontece anualmente desde 2014 em São Paulo, em 2018 foram mapeadas por eles mais de 150 comunidades de slam em 21 estados brasileiros. Tivemos nacionalmente muitos nomes que se destacam e expande o alcance para espaços formais de educação e literatura. O Slam Br é uma das atrações da FLUP – Festa Literária das Periferias e também é levado para espaços formais de educação como o Slam Interclasse e Interescolar realizado por Emerson Alcade em escolas de São Paulo. Alcade idealizou o Slam da Guilhermina, um dos maiores slams do país que acontece perto da estação de metrô de mesmo nome em São Paulo. As ruas e pontos de grande circulação são estrategicamente escolhidos como local para realização das batalhas com a intenção de atrair um público diverso e popular, aqui em Recife não é diferente.

O Potencial educativo da Poetry Slam é hoje bastante explorado, principalmente no que cabe ao método e formato da competição, que é facilmente reproduzível e integradora. Sua potência interdisciplinar sugere coletividade entre o corpo docente e discente. Também sua capacidade de atrair a juventude e desenvolver habilidades narrativas, discursivas e construção da identidade também tem sido valorizadas por professores no país, os relatos mais frequentes são de professores de português e literatura, mas as competências que podem ser desenvolvidas abrangem o ensino de história. Além disso, gostaria de chamar atenção para uma outra possibilidade que é o uso dos materiais da Poetry Slam como fonte histórica para o ensino, algumas linhas trazem a história de forma muito presente numa releitura dos sujeitos 'subalternos' a história contada pelo outro lado que não os vencedores hegemônicos.

A partir da curadoria do professor e do assunto abordado podemos ter uma vasta literatura que enriquece o aprendizado com outros pontos de vista, e observar o slam como essa fonte de acesso aos jovens e suas demandas, além de uma prática diaspórica e insurgente que traz a luz narrativas e escrituras ignoradas colabora com a inclusão de outras vozes e sujeitos nesse espaço formal de educação, como uma forma de incluir narrativas importantes de representação e identidade. Também de valorizar a 'história dos excluídos' ou dos 'perdedores', trazendo em perspectiva narrativas históricas de grupos e sujeitos silenciados em nossas grades curriculares e nas estruturas em geral. Muitas poesias são ricas em referências históricas e ressaltam a importância do uso das produções locais, pois cada território possui suas especificidades, e os poetas e artistas tendem a se expressar dentro dos próprios contextos de vida. Porém o poetry slam é diverso e deve ser explorado em suas muitas possibilidades, como para compreender a realidade de outros estados e países, estudo de línguas, etc. Segue exemplo de uma poesia facilmente utilizável em uma aula sobre a história de Pernambuco, uma poesia vencedora da final do Slam BR em 2017, de Bell Puã, intitulada 'O leão do Norte e seu rugido':

Deus e os astros me disseram
pra entre os passos
sempre deixar os rastros

da grandeza do sertão
aquele povo que passa perrengue
na seca
minha amiga Maria Samara
lá de Afogados da Ingazeira
me contou das treta
é bem verdade que o trabalhador rural
cumpre jornada de 15 horas
criança trampa pelo Recife
vendendo água e pipoca
passagem de ônibus é um assalto
tanto ladrão de celular
como empresa te rouba
altas quebrada deixada de lado
Coque, Ibura,
Coelhos, Santo Amaro
governo e prefeitura do PSB
família Campos de tão unida
cada parente ganhou um cargo de poder
minha cidade
banhada por mares e rios
ameaçada pela Moura Doubex
a ser só concreto cinza e vazio
calor da miséria dia pós dia
resultado de transformar a natureza
em pura mercadoria
por isso diga e repita:
salve Ocupe Passarinho,
Ocupe o Estelita!
resistência a gente faz na rua
mas tu sabe a verdade crua?
vocês tão ligado?
que o que nois chama de “Nordeste”

na real, foi inventado?
Porque tu, paulista, não se considera
sudestino?
mineiro, carioca tem identidade própria
mas é tudo a mesma merda
esses tal de nordestino?
só pra começo de conversa
nordeste tem 9 estados diferentes
nem vem dizer que não sabia
sul e sudeste tem IDH foda
mas não tem aula de geografia?
de onde venho a gente diz
oxe, eita carai, misericórdia minha fia
é pra ter um ataque
ator de novela
quando imita nosso sotaque
é que pra vocês nós é caricatura
num interessa de onde venho
me chamam de paraíba
me respeita, boy
sou da terra de Capiba
Mestre Vitalino, Paulo Freire, Manuel Bandeira
brega, frevo, côco, maracatu
cultura popular pulsante
Lia de Itamaracá, Luiz Gonzaga lá de Exu
Pernambuco
só dá tu!
só dá o sabor da morena tropicana
peço mais fé Lipe Santana
dançando ciranda na praia do Janga
Boa Viagem, Várzea, Boa Vista
Beberibe que acomodou painho
Aurora pra acomodar artista

Olinda! teus coqueiros, teu sol, teu mar
 faz vibrar meu coração, dá gosto
 tomar uma cerveja antes do almoço
 pra ficar pensando melhor
 meu peito é mangue beat
 pulsando Chico Science, Karina Buhr,
 Siba, Mombojó
 respeita o lugar que foi explorado
 desde 1500 pra arrancar cana-de-açúcar
 respeita a capitania de Zumbi dos palmares, símbolo da negra
 luta
 passei não só pra dar um cheiro
 mas pra ser bem direta
 depois de muito castelar
 num verso de Miró da Muribeca
 respeita o Nordeste
 as mina guerreira, as mina poeta
 quando for imitar sotaque
 de pernambucano, não esqueça
 esse é o povo mais brabo e vaidoso
 em linha reta! (Bell Puã, 2017)¹⁸

Nesse poema ela problematiza diversas questões sobre o território Nordeste, e a ideia que os estereótipos passam desse território e problematiza questões mais locais da cidade de Recife fazendo referência as ocupações e lutas de resistência, o coco de Mãe Beth de Oxum, o falecido poeta Miró da Muribeca, que descanse em paz!, faz referência ao que temos de melhor e que está nas margens e ainda lapida auto estima engrandecendo o povo. Esse engrandecimento é diferente do que geralmente é passado, não muito, mas muda as origens e o lugar dos referenciados. O leão do Norte é muito agraciado

¹⁸https://www.facebook.com/watch/?ref=search&v=150301865749671&external_log_id=6b88f534-ebde-4e86-adfc-b2d69d17985d&q=bell%20pu%C3%A3%20le%C3%A3o%20do%20norte

de belezas e talentos, mas temos uma elite que é sempre privilegiada a simbolizar essa grandeza, o que Bell faz é mudar essa cara, apontar pra outros lugares, e essa é a importância de valorizar essas narrativas, se abre um grande horizonte. Como em outro poema da mesma artista:

Como não estarmos adoecidos,
 com o avanço do conservadorismo?
 aquele velho individualismo
 que estimula a pouco pensar
 e muito consumir
 Black Friday mano? O Haiti é aqui.
 Brasil, uns num guenta e se suicida
 Outros morre no fuzil
 Tá lá no script da nossa história
 Vamo imitar europeu que um dia chega nossos tempos de glória.
 Na concorrência com os irmãos
 Viver é competição
 Seja um vencedor
 Quanto mais dinheiro mais valor
 Não é assim que a tv ensinou?
 O vilão termina pobre
 O mocinho cheio de grana
 Só branco pra papel de medico, advogado...
 Só não falta papel pro preto quando é pra atuar como escravo.
 Empregada, empregado, não é esse nosso papel na história?
 Ser marginalizado
 Receber açoite do senhor e do patrão o mínimo de salário?
 Tá ligado que hoje tem preto na Líbia sendo vendido em
 mercado?
 A carne mais barata é a minha
 Aqui é luta a cada verso
 A carne mais barata é a minha!! e tu quer falar de racismo
 reverso??
 Aterrissa na realidade dor, achou ruim te mandarem pegar um
 bronze na praia?
 Imagina ter teus irmãos de cor 24h visto como ameaça pela
 policia que arrasta Claudía, atira em criança na favela,
 Queria eu meu deus que racismo fosse ser só chamada de
 branquela
 Na classe burguesa que cresci um playboy me falou de mérito,
 disse que os bacana olhava pra ele e previa: esse aí vai dar pra
 médico.

Tá aí a diferença da cor no nosso destino, meu tio apenas
 criança, ainda menino, já sentenciavam: esse aí vai dar é pra
 bandido.

Com muita dignidade tio Evandro limpa o chão da cidade caótica
 que é o Rio de Janeiro.

Salve COMLURBE, galera de luta, os gari guerreiro, o funk do
 gueto que da vida aos nossos dias,

fiquei sabendo que além de tirar nossos direitos querem proibir
 arte da periferia.

Ôh governo temer muda o roteiro,

no Brasil já proibiram samba, axé, maracatu, coco, frevo,
dando desculpa que é som indecente.

Admite que é porque é som de preto, de favelado, mas quando
toca ninguém fica parado.

Pensa que eu nunca ouvi Mc Coringa tocando em carro
importado?

Fiz as contas, tô com Mãe Beth de Oxum, não sei vocês, mas
em tempo de solidão acompanhada, desigualdade escancarada:
tá na hora do pau comer! tá na hora do pau comer!

Que a desgraça não seja nossa sina, união europeia é o caralho.
União américa latina!!

Ansiosos, cansados, depressivos, mas de cabeça erguida.

Tá na hora do pau comer, quando o morro descer ces vai sentir
nossa ira! (Bell Puã, 'Tá na hora do pau comer!' 2018) ¹⁹

As possibilidades de uso das produções do Poetry Slam em sala de aula ou rodas de conversa são diversas, se pode achar sobre tudo: sexualidade, gênero, religiosidade, violência policial, estatal, problematizações sociais de todos os tipos, mas também vivências e relatos que se aproximam da vivência dos alunos, como o racismo, a pobreza. Ao citar artistas como MC Coringa, que é referência para muitas crianças nas favelas, ou Amilcka com Som de Preto, música que está na memória de todo jovem de periferia o poema atrai e representa essa juventude. A discussão sobre qual arte e qual cultura é reprimida cabe em muitos espaços nas aulas de história. A identificação com o tema proposto depende da utilização de fontes e estratégias que se aproximem da realidade do aluno e cause identificação em algum nível.

Tratar questões sociais que os alunos enfrentam em seu dia a dia através de narrativas e documentos que represente a juventude e que sejam produzidas por seus semelhantes pode ser muito profícuo no processo de aprendizagem. O foco principal é a instrumentalização básica em história, que se aplica a qualquer nível: interpretar e ler fontes históricas diversas, cruzar as fontes em sua mensagem, intenção e validade. Compreensão contextualizada, procurar entender situações humanas e sociais em diferentes tempo e espaço, relacionar

¹⁹ <https://www.facebook.com/watch/?v=174603999986124>

o passado com o presente e projeção do futuro, levantar novas questões, novas hipóteses e investigar. Comunicar e exprimir a própria compreensão das experiências humanas ao longo do tempo com inteligência e sensibilidade.

Essas possibilidades pedagógicas devem ser pensadas em relação a toda diversidade que podemos encontrar nos espaços de educação, talvez principalmente os formais, pois nem ali alcançamos ainda o cumprimento de nossa obrigação com a educação sobre os povos originários, ou africanos e as mazelas que essa deficiência causa são indelévels. A diversidade deve nos ensinar a lidar com diversidade, nosso dever é desmistificar o que tem sido construído erroneamente nas escolas quando se comemora o 'dia do índio' ou o 'dia da abolição', entre outras falhas formativas que vem sendo reproduzidas. É um processo longo, que precisa passar pelas instituições formadoras, é necessário a exigência de incentivos a formação continuada e não podemos esquecer de problematizar os espaços que os educadores tem para continuar se atualizando e de qual papel a instituição precisa tomar pra si no processo de formação de licenciados e não licenciados a respeito do ensino das relações étnico raciais.

Considerações

O presente trabalho possibilita a compreensão do movimento Poetry Slam em Recife a partir de uma perspectiva decolonial e pedagógica, e a valorização de uma arte subalternizada e seus sujeitos. Acredito que os esforços para construção dessa pesquisa colaboram com a historiografia e metodologias do ensino de história, incentivando a inovação nos espaços formais de educação e um olhar sensível aos métodos não formais de educação.

Os conteúdos apresentados sugerem um olhar atento as construções culturais e artísticas do território e abre prismas de observação e narrativas da história do mesmo. O trabalho propõe a valorização de mulheres negras artistas e denota a importância do movimento das mesmas na cena cultural de Recife-

Pernambuco. Assim como a observação dos espaços que são disputados dentro do território na produção e ação cultural periférica.

Idealizando a possibilidade de entendimento do movimento na colaboração de uma educação formal e não formal, busquei trazer a reflexão de como a poetry slam pode ser utilizado na construção diária dos educandos e educadores, assim como colaborar com a educação étnico racial e o cumprimento das leis 10.639 (2003) e 11. 645 (2008). A valorização da produção negra dentro de espaços de educação fomenta uma mudança necessária dentro do nosso modelo, além do cumprimento das leis, a importância de nossas crianças e jovens negros se verem nesses espaços fortalece a identidade e autoestima. Pensamento este que deve ser expandido também a outros grupos sociais.

O trabalho visa difundir novas epistemologias e expandir as fontes para a construção de uma história que não beneficia uma hegemonia branca mas que diversifica a narrativa colocando outros sujeitos no centro dessa construção, credibilizando suas contribuições e assim valorizando outras formas de construir e compartilhar saberes.

Referências:

- ASANTE, M. K. **Afrocentricidade como crítica do paradigma hegemônico ocidental: introdução a uma ideia.** Ensaios filosóficos, volume XIV - dezembro 2016
- AMARAL, Gabriel Góes do. **Literatura periférica: terceiro momento da poesia marginal a partir das ações do Coletivo Controverso Urbano em Recife.** 2020. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Pernambuco.
- BARCA, Isabel. **Aula Oficina: do Projeto à Avaliação.** In. Para uma educação de qualidade: Atas da Quarta Jornada de Educação Histórica. Braga, Centro de Investigação em Educação (CIED)/ Instituto de Educação e Psicologia, Universidade do Minho, 2004, p. 131 – 144.
- CONCEIÇÃO, Giovana Xavier da. **História Intelectual de Mulheres Negras: um novo “território existencial” historiográfico Black Women Intellectual History.** 22. ed. Bahia: Associação Nacional de História (Anpuh-Brasil), 2022. (Capa > v. 11, n. 22 (2022)). Disponível em: <https://rhhj.anpuh.org/RHHJ/article/view/849/448>. Acesso em: 10 out. 2022.
- CHAIA, Miguel Wady. **Artivismo–política e arte hoje.** Aurora., n. 1, p. 9-11, 2007.
- D’ALVA, Roberta Estrela. **Um microfone na mão e uma ideia na cabeça: o Poetry Slam entra em cena.** Synergies Brésil, Paris, n. 9, p. 119-126, 2011.
- D’ALVA, Roberta Estrela. **Teatro hip-hop: a performance poética do ator-MC.** São Paulo: Ed. Perspectiva, 2014.
- EVARISTO, Conceição. **A escrevivência e seus subtextos.** Escrevivência: a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo, p. 26-47, 2020.
- FREITAS, Daniela Silva de. **Ensaio sobre o rap e o slam na São Paulo contemporânea.** 2019.
- GOMES, Nilma Lino. **Relações Étnico-raciais, educação e descolonização dos currículos.** Currículo Sem Fronteiras. v. 12, n. 1, pp. 98-109, Jan/Abr 2012
- NOGUEIRA, Renato. **Afrocentricidade e educação: os princípios gerais para um currículo afrocentrado.** Revista África e africanidades – Ano 3- n. 11, novembro, 2010 – ISSN 19832354.
- OLIVEIRA, Jaqueline Maria de. **O slam como recurso educacional na construção da identidade de alunos do ensino fundamental II das escolas públicas municipais de Curitiba.** 2020.
- OUSÁ, M. Z. S. **Uma experiência de oficina pedagógica de poesia slam em prol da educação étnico racial.** Jornada brasileira de educação e

linguagem/encontro do PROFEDUC e PROFLETRAS/jornada de educação de Mato Grosso do Sul, [S. l.], v. 1, n. 1, 2018. Disponível em: <https://anaisonline.uems.br/index.php/jornadaeducacao/article/view/4985>. Acesso em: 11 nov. 2022.

PEREGRINO, Miriane da Costa. **Luanda Slam: a literatura angolana fora da página**. 2019.

ROBERTAESTRELAD'ALVA. **Slam: voz de levante**. São Paulo: Rebento, 2019. (Rebento, São Paulo, n. 10, p. 268-286, junho 2019).

VIEIRA, Teresa de Jesus Batista. **Artivismo: estratégias artísticas contemporâneas de resistência cultural**. 2011.

WALSH, Catherine. **Pedagogías Decoloniales. Prácticas Insurgentes de resistir, (re)existir e (re)vivir**. Serie Pensamiento Decolonial. Editora Abya-Yala. Equador, 2017.

Filmografia

SLAM: Voz de Levante. Direção de Tatiana Lohmann e Roberta Estrela D'Alva. Rio de Janeiro: Globo Filmes, 2017. (104 min)

<https://www.youtube.com/watch?v=QXopKuvxevY>

Facebook:

<https://www.facebook.com/slamdasminaspe/videos/192227494662278>

<https://www.facebook.com/slamdasminaspe/videos>

<https://www.facebook.com/watch/?v=1585763614838035>

https://www.facebook.com/watch/?ref=search&v=150301865749671&external_id=6b88f534-ebde-4e86-adfc-b2d69d17985d&q=bell%20pu%C3%A3%20le%C3%A3o%20do%20norte

<https://www.facebook.com/watch/?v=174603999986124>

Youtube:

<https://www.youtube.com/watch?v=Q553QQEe0rk>

<https://www.youtube.com/watch?v=57E3YP7j2ys>

https://www.youtube.com/watch?v=zu2lj_ypkQw

<https://www.youtube.com/watch?v=MetRbIHR9mo>

https://www.youtube.com/watch?v=HFO1u_vQXhY

https://www.youtube.com/watch?v=eUr_xos_W2U

https://www.youtube.com/watch?v=Te7cJ_-3TxU

Outros estados:

<https://www.youtube.com/watch?v=68yppqmqZVE>

<https://www.youtube.com/watch?v=3EehckxB2qU>

<https://www.youtube.com/watch?v=wRcnrxRq2L4>

<https://www.youtube.com/watch?v=yaYKFOI7VFs>

<https://www.youtube.com/watch?v=Xa6QRd304VU>

<https://www.youtube.com/watch?v=yjQDptk1rrA>

<https://www.youtube.com/watch?v=04lgFch4Bmg>

<https://www.youtube.com/watch?v=4PhoAyysHO4>

<https://www.youtube.com/watch?v=Gbkhar165C8>

<https://www.youtube.com/watch?v=OxxXIXslh0E>

Noticia:

https://www.ufpe.br/agencia/noticias/-/asset_publisher/dlhi8nsrz4hK/content/parlamentares-defendem-continuidade-de-aco-es-afirmativas-nas-universidades-publicas/40615